

PSICANÁLISE NA FORMAÇÃO INICIAL DA DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA BREVE REVISÃO DE LITERATURA

PSYCHOANALYSIS IN INITIAL TEACHER TRAINING FOR ELEMENTARY EDUCATION: A BRIEF LITERATURE REVIEW

Adelcio Machado dos Santos¹

Rita Marcia Twardowski²

Audete Alves dos Santos Caetano³

Danielle Martins Leffer⁴

Alisson André Escher⁵

Resumo: Este artigo analisa as contribuições da Psicanálise para a formação inicial da docência na educação básica, a partir de uma revisão de literatura de caráter qualitativo. Parte-se do pressuposto de que a formação docente, tradicionalmente centrada em aspectos técnicos e pedagógicos, carece de abordagens que contemplem a dimensão subjetiva do processo educativo. Nesse sentido, a Psicanálise, fundada por Sigmund Freud, oferece subsídios teóricos relevantes para a compreensão do sujeito em sua complexidade, considerando a influência do inconsciente, dos afetos e das relações interpessoais na aprendizagem. O estudo discute conceitos fundamentais como transferência, desejo e sujeito do

1 Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC). Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento (UFSC). Docente, pesquisado e orientador do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP).

2 Mestre do Programa de Pós-Graduação “Stricto Sensu” em Educação Básica da UNIARP. Instituição: Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP).

3 Mestre do Programa de Pós-Graduação em Educação Básica da UNIARP. Instituição: Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP).

4 Mestre do Programa de Pós-Graduação “Stricto Sensu” em Educação Básica da UNIARP. Instituição: Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP).

5 Mestre do Programa de Pós-Graduação “Stricto Sensu” em Educação Básica da UNIARP. Instituição: Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP).

inconsciente, com base em autores clássicos como Jacques Lacan e Donald Winnicott, articulando-os ao contexto educacional. Os resultados indicam que a inserção da Psicanálise na formação docente favorece o desenvolvimento de uma prática pedagógica mais reflexiva, ética e sensível às singularidades dos alunos, contribuindo para a compreensão de fenômenos como dificuldades de aprendizagem, indisciplina e sofrimento psíquico. Além disso, evidencia-se a importância da escuta e da implicação subjetiva do professor em sua prática. Contudo, o estudo também aponta desafios, como a predominância de currículos tecnicistas e o risco de apropriações superficiais dos conceitos psicanalíticos. Conclui-se que a integração entre Psicanálise e formação docente pode enriquecer significativamente o processo educativo, desde que realizada de forma crítica e fundamentada.

Palavras-chave: Psicanálise; Formação docente; Subjetividade; Educação básica.

Abstract: This article analyzes the contributions of Psychoanalysis to initial teacher education in basic education through a qualitative literature review. It is based on the assumption that teacher education, traditionally focused on technical and pedagogical aspects, lacks approaches that address the subjective dimension of the educational process. In this context, Psychoanalysis, founded by Sigmund Freud, provides relevant theoretical support for understanding the subject in its complexity, considering the influence of the unconscious, affects, and interpersonal relationships on learning. The study discusses key concepts such as transference, desire, and the subject of the unconscious, drawing on classical authors such as Jacques Lacan and Donald Winnicott, articulating them with the educational context. The findings indicate that incorporating Psychoanalysis into teacher education promotes a more reflective, ethical, and sensitive pedagogical practice, contributing to the understanding of phenomena such as learning difficulties, indiscipline, and psychological distress. Furthermore, it highlights the importance of listening and the teacher's subjective involvement in their practice. However, the study also points out challenges, such as the predominance of technicist curricula and the risk of superficial appropriations of psychoanalytic concepts. It concludes that integrating Psychoanalysis

into teacher education can significantly enrich the educational process when carried out critically and theoretically grounded.

Keywords: Psychoanalysis; Teacher education; Subjectivity; Basic education

INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores para a educação básica tem sido amplamente debatida no campo educacional, especialmente no que se refere à necessidade de contemplar não apenas aspectos técnicos e pedagógicos, mas também dimensões subjetivas que permeiam o processo de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, a interlocução com a Psicanálise emerge como uma possibilidade teórico-metodológica relevante, ao oferecer ferramentas para compreender o sujeito em sua complexidade, marcado por desejos, conflitos e processos inconscientes. A tradição inaugurada por Sigmund Freud evidenciou que o comportamento humano não se reduz à racionalidade consciente, mas é atravessado por dinâmicas psíquicas que influenciam as relações interpessoais, inclusive no ambiente escolar.

A escola, enquanto espaço de socialização e constituição subjetiva, constitui-se também como um cenário privilegiado para a manifestação de afetos, resistências, transferências e conflitos. Nesse sentido, a prática docente ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, exigindo do professor uma escuta sensível e uma compreensão ampliada das relações que se estabelecem em sala de aula. Autores como Jacques Lacan aprofundaram essa perspectiva ao enfatizar o papel da linguagem e do inconsciente na constituição do sujeito, contribuindo para reflexões acerca do lugar do educador como mediador simbólico. Assim, pensar a formação docente à luz da Psicanálise implica reconhecer que o processo educativo envolve dimensões afetivas e inconscientes que impactam diretamente o ensino.

No entanto, observa-se que os currículos dos cursos de licenciatura no Brasil ainda privilegiam, em grande medida, abordagens normativas, didáticas e técnicas, relegando a segundo plano a

formação voltada para a compreensão da subjetividade. Essa lacuna pode dificultar o enfrentamento de situações complexas no cotidiano escolar, como indisciplina, dificuldades de aprendizagem, conflitos interpessoais e sofrimento psíquico de alunos e professores. A ausência de referenciais teóricos que auxiliem na leitura dessas situações pode levar o docente a respostas simplificadoras ou punitivas, desconsiderando a singularidade dos sujeitos envolvidos.

Nesse cenário, a Psicanálise apresenta contribuições significativas para a formação inicial docente, ao possibilitar a reflexão sobre o papel do professor na constituição do sujeito aprendente, bem como sobre os efeitos das relações transferenciais no processo educativo. Ao compreender o aluno como sujeito do inconsciente, o professor pode desenvolver práticas mais empáticas, éticas e reflexivas, reconhecendo os limites de sua atuação e evitando a ilusão de controle absoluto sobre o processo de aprendizagem. Além disso, a abordagem psicanalítica contribui para que o futuro docente também reflita sobre sua própria subjetividade, seus desejos e suas implicações na escolha profissional, aspectos fundamentais para o exercício consciente da docência.

A relevância deste estudo justifica-se, portanto, pela necessidade de ampliar o debate acerca da inserção da Psicanálise na formação inicial de professores, especialmente no contexto da educação básica, onde os desafios relacionados à diversidade, inclusão e saúde mental se mostram cada vez mais presentes. Trata-se de uma temática que dialoga com as demandas contemporâneas da educação, exigindo uma formação mais integral e sensível às complexidades humanas.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão de literatura, as contribuições da Psicanálise para a formação inicial da docência na educação básica. Busca-se, especificamente, identificar como os conceitos psicanalíticos têm sido incorporados ao campo educacional, bem como discutir suas potencialidades e limites na formação de professores.

FUNDAMENTOS DA PSICANÁLISE

A Psicanálise constitui-se como um campo teórico-clínico que emerge no final do século

XIX, a partir das investigações de Sigmund Freud, configurando-se como uma das mais influentes abordagens para a compreensão da subjetividade humana (Fonagy; Target, 2003). Seu desenvolvimento está intrinsecamente relacionado ao estudo dos processos psíquicos inconscientes, à análise dos conflitos internos e à interpretação dos sintomas como manifestações simbólicas. Ao longo do tempo, a Psicanálise expandiu-se por meio de diferentes autores e correntes, mantendo, entretanto, certos pilares conceituais que estruturam seu campo epistemológico (Freud, 2010; Jorge, 2017).

O conceito de inconsciente constitui o eixo central da teoria psicanalítica. Para Freud, a vida psíquica não se restringe à dimensão consciente, sendo amplamente determinada por conteúdos inconscientes que escapam ao controle racional do sujeito. Esses conteúdos, formados por desejos, lembranças reprimidas e experiências afetivas, influenciam o comportamento, os pensamentos e as emoções, manifestando-se de forma indireta por meio de sonhos, lapsos de linguagem e sintomas neuróticos (Freud, 2010). A noção de inconsciente rompe com a tradição racionalista, ao evidenciar que o sujeito não é plenamente transparente a si mesmo, sendo atravessado por forças psíquicas que operam de maneira dinâmica (Laplanche; Pontalis, 2001).

Associado ao inconsciente, o conceito de repressão (ou recalque) desempenha papel fundamental na teoria freudiana. Trata-se de um mecanismo de defesa pelo qual conteúdos psíquicos considerados incompatíveis com a consciência são excluídos, permanecendo ativos no inconsciente. Esses conteúdos, entretanto, não desaparecem, retornando sob formas disfarçadas, como sintomas ou comportamentos aparentemente irracionais. A repressão, nesse sentido, é compreendida como um processo estruturante da subjetividade, responsável pela organização da vida psíquica e pela constituição do conflito intrapsíquico (Freud, 1980; Roudinesco, 1998).

Outro conceito fundamental é o de pulsão (Trieb), entendido como uma força interna que impulsiona o comportamento humano. Diferentemente do instinto biológico, a pulsão apresenta caráter psíquico, sendo marcada pela indeterminação de seu objeto e pela constante busca de satisfação. Freud distingue, em sua teoria, as pulsões de vida (Eros), relacionadas à preservação e à ligação, e as pulsões de morte (Thanatos), associadas à destruição e à repetição. Essa dualidade pulsional revela a

complexidade da dinâmica psíquica, na qual coexistem forças antagônicas que estruturam o comportamento humano (Freud, 2010; Garcia-Roza, 2009).

A teoria do aparelho psíquico, por sua vez, oferece uma estrutura para compreender o funcionamento da mente. Inicialmente, Freud propôs um modelo topográfico, dividido em consciente, pré-consciente e inconsciente. Posteriormente, desenvolveu o modelo estrutural, composto por id, ego e superego. O id representa o polo pulsional, regido pelo princípio do prazer; o ego atua como mediador entre as exigências do id, da realidade e do superego; e o superego incorpora normas, valores e proibições internalizadas. Essa organização evidencia o caráter conflitivo da psique, marcada pela tensão constante entre desejo, moralidade e realidade (Freud, 2011; Hall; Lindzey, 2000).

No âmbito da clínica psicanalítica, o conceito de transferência assume papel central. A transferência refere-se ao fenômeno pelo qual o sujeito projeta no analista sentimentos, expectativas e padrões relacionais originados em experiências passadas, especialmente nas relações primárias. Esse processo não é visto como um obstáculo, mas como um instrumento fundamental para a análise, pois permite acessar conteúdos inconscientes e compreender a dinâmica relacional do sujeito (Freud, 2010; Zimmerman, 2004). A contratransferência, por sua vez, diz respeito às reações do analista diante do paciente, sendo igualmente relevante para o processo terapêutico.

A Psicanálise também está associada ao método da associação livre, considerado a regra fundamental do tratamento psicanalítico. Por meio desse método, o paciente é incentivado a expressar livremente seus pensamentos, sem censura ou seleção, permitindo que conteúdos inconscientes emergem na fala. A interpretação, realizada pelo analista, visa atribuir sentido aos elementos manifestos, revelando os significados latentes subjacentes. A linguagem, nesse contexto, assume papel central, sendo o principal meio de acesso ao inconsciente (Freud, 2010; Nasio, 1999).

A partir do desenvolvimento da Psicanálise, diversos autores contribuíram para a ampliação e reformulação de seus fundamentos. Jacques Lacan, por exemplo, propôs uma releitura da obra freudiana à luz da linguística estrutural, enfatizando que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Para Lacan (1998), o sujeito é constituído no campo simbólico, sendo marcado pela rela-

ção com o Outro e pela falta estrutural. Seus conceitos de Real, Simbólico e Imaginário ampliam a compreensão da subjetividade, introduzindo uma abordagem que articula linguagem, desejo e cultura (Lacan, 1998; Jorge, 2017).

Por sua vez, Donald Winnicott trouxe contribuições significativas ao enfatizar o papel do ambiente no desenvolvimento psíquico. Diferentemente da ênfase freudiana nos conflitos intrapsíquicos, Winnicott destacou a importância das relações iniciais, especialmente a relação mãe-bebê, para a constituição do self. Conceitos como “mãe suficientemente boa”, “objeto transicional” e “espaço potencial” evidenciam a relevância do cuidado e do ambiente facilitador no desenvolvimento emocional saudável (Winnicott, 1975; Winnicott, 2000; Fulgencio, 2010).

A Psicanálise também introduz uma compreensão singular do sintoma. Diferentemente da abordagem biomédica, que o entende como sinal de disfunção, a Psicanálise concebe o sintoma como uma formação de compromisso, isto é, uma expressão simbólica de um conflito inconsciente (Roudinesco, 1998). O sintoma possui, portanto, um sentido que pode ser interpretado, revelando desejos reprimidos e conflitos psíquicos. Essa perspectiva desloca o foco da eliminação do sintoma para sua compreensão, permitindo uma abordagem mais profunda do sofrimento humano (Freud, 1980; Roudinesco, 1998).

No campo epistemológico, a Psicanálise configura-se como uma disciplina que articula teoria e prática, sendo construída a partir da experiência clínica. Embora tenha sido alvo de críticas quanto à sua cientificidade, especialmente no que se refere à verificabilidade empírica, sua relevância permanece significativa nas ciências humanas, sobretudo por sua capacidade de interpretar fenômenos subjetivos complexos. Alguns estudos contemporâneos têm buscado dialogar com outras áreas do conhecimento, como a neurociência e a psicologia cognitiva, evidenciando a permanência e a atualização do pensamento psicanalítico (Fonagy; Target, 2003; Solms, 2018).

Para Fulgencio (2010) os fundamentos da Psicanálise constituem um arcabouço teórico robusto, que permite compreender o sujeito em sua dimensão inconsciente, histórica e relacional. Desse modo, discute-se que seus conceitos — como inconsciente, repressão, pulsão, transferência e sintoma

— oferecem instrumentos analíticos para interpretar a complexidade da experiência humana. Ainda para Fulgencio (2010), ao longo de sua evolução, a Psicanálise demonstrou capacidade de renovação, incorporando novas perspectivas sem perder sua identidade teórica. Tal característica contribui para sua permanência como um campo relevante de reflexão, especialmente em contextos como a educação, nos quais a compreensão da subjetividade se mostra fundamental.

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

A relação entre Psicanálise e Educação constitui um campo de interlocução teórica e prática que, embora marcado por tensões epistemológicas, revela-se profundamente fecundo para a compreensão das dinâmicas subjetivas implicadas no processo educativo. Desde os escritos inaugurais de Sigmund Freud, a educação aparece como um dos pilares da civilização, ao lado do governo e da psicanálise, sendo considerada uma das “profissões impossíveis”, dada a complexidade inerente ao trato com o humano (Freud, 1996a). Tal afirmação evidencia o reconhecimento, por parte do autor, de que o ato educativo não se limita à transmissão de conhecimentos, mas envolve o manejo de desejos, conflitos e processos inconscientes que atravessam tanto o educador quanto o educando.

Freud, em textos como *O interesse da Psicanálise para as Ciências Não Psicológicas* (1996B) e *Algumas reflexões sobre a psicologia escolar* (1996C), já apontava para a relevância da escuta do inconsciente no contexto educativo. Para o autor, a escola é um espaço privilegiado de manifestação das formações do inconsciente, onde sintomas, resistências e mecanismos de defesa emergem de forma significativa. Nesse sentido, a educação não pode ser compreendida apenas sob a ótica racional e normativa, sendo necessário considerar a dimensão pulsional que constitui o sujeito. A repressão, por exemplo, frequentemente mobilizada no ambiente escolar por meio de práticas disciplinares rígidas, pode gerar efeitos indesejáveis, como a intensificação de sintomas ou o deslocamento de conflitos para outras esferas da vida psíquica (Freud, 1996b).

A partir dessa perspectiva, a Psicanálise introduz uma ruptura com modelos pedagógicos

centrados exclusivamente na racionalidade e no controle comportamental. Ao reconhecer o inconsciente como estruturante da subjetividade, abre-se espaço para uma compreensão mais complexa das dificuldades de aprendizagem, dos comportamentos considerados desviantes e das relações estabelecidas em sala de aula. Essa abordagem foi posteriormente aprofundada por autores como Jacques Lacan, que enfatizou o papel da linguagem na constituição do sujeito. Para Lacan (1998), o sujeito é efeito do significante, sendo produzido nas relações simbólicas que o antecedem. Assim, o processo educativo pode ser entendido como uma inserção do sujeito na ordem simbólica, mediada pela linguagem e pelas figuras de autoridade, entre as quais se destaca o professor.

Nesse contexto, a noção de transferência assume centralidade na interface entre Psicanálise e Educação. Originalmente formulada por Freud como um fenômeno clínico, a transferência refere-se à atualização de vínculos afetivos inconscientes em novas relações, especialmente aquelas marcadas por assimetrias de poder. No ambiente escolar, a relação professor-aluno é permeada por processos transferenciais, nos quais o docente pode ocupar, simbolicamente, lugares parentais ou de autoridade, despertando afetos que influenciam diretamente o processo de aprendizagem (Kupfer, 2007). A compreensão desses fenômenos permite ao educador desenvolver uma postura mais reflexiva e ética, evitando tanto a identificação excessiva quanto a rejeição defensiva em relação aos alunos.

Além de Lacan, contribuições significativas para o diálogo entre Psicanálise e Educação foram desenvolvidas por autores da tradição pós-freudiana, como Donald Winnicott. Winnicott (1975) introduz conceitos fundamentais, como o de “ambiente suficientemente bom”, destacando a importância do cuidado e da sustentação emocional no desenvolvimento psíquico. No contexto educativo, essa noção pode ser transposta para a sala de aula, entendida como um espaço potencial onde o sujeito pode experimentar, criar e se desenvolver de forma segura. O professor, nesse sentido, assume um papel semelhante ao da “mãe suficientemente boa”, oferecendo condições para que o aluno possa se constituir como sujeito autônomo.

A interlocução entre Psicanálise e Educação também se desenvolveu de forma significativa no contexto brasileiro, com destaque para Kupfer (2007), Voltolini (2011) e Lajonquière (1999). Esses

estudiosos têm se dedicado a investigar as implicações da Psicanálise na prática pedagógica, enfatizando a necessidade de reconhecer os limites da ação educativa. Para Lajonquière (1999), a educação não pode ser concebida como um processo de moldagem do sujeito, mas sim como uma experiência marcada pela impossibilidade de controle total sobre os efeitos do ensino. Essa perspectiva rompe com ideais pedagógicos normativos e reforça a importância de uma ética do desejo na educação.

No campo contemporâneo, observa-se um crescente interesse pela articulação entre Psicanálise e temas como inclusão, diversidade e saúde mental na escola. A ampliação do acesso à educação básica, aliada à heterogeneidade dos contextos escolares, tem exigido dos professores uma maior capacidade de lidar com situações complexas, que muitas vezes escapam aos modelos tradicionais de formação. Nesse cenário, a Psicanálise oferece subsídios importantes para a compreensão do sofrimento psíquico, das dificuldades de aprendizagem e das manifestações comportamentais que desafiam o cotidiano escolar (Voltolini, 2011; Pereira, 2020).

Por outro lado, é importante reconhecer que a inserção da Psicanálise no campo educacional não se dá sem críticas. Alguns autores questionam a aplicabilidade de conceitos clínicos em contextos pedagógicos, alertando para o risco de patologização de comportamentos ou de interpretação excessiva de fenômenos cotidianos (Voltolini, 2011; Pereira, 2020). No entanto, tais críticas não invalidam a contribuição da Psicanálise, mas apontam para a necessidade de uma apropriação cuidadosa e contextualizada de seus conceitos. Trata-se de evitar reducionismos, reconhecendo tanto as potencialidades quanto os limites dessa abordagem.

Outro aspecto relevante diz respeito à formação dos professores. A incorporação da Psicanálise na formação inicial docente ainda é incipiente, sendo frequentemente restrita a disciplinas optativas ou abordagens pontuais. Essa lacuna dificulta a construção de uma prática pedagógica que considere a subjetividade como elemento central do processo educativo. Nesse sentido, Perrenoud (2002) e Nóvoa (2009) defendem a necessidade de uma formação reflexiva, que permita ao professor analisar sua própria prática e compreender os efeitos de sua atuação sobre os alunos. A Psicanálise pode contribuir significativamente para esse processo, ao favorecer o autoconhecimento e a análise

das implicações subjetivas da docência.

Ademais, a interface entre Psicanálise e Educação também dialoga com perspectivas críticas da pedagogia, como as propostas de Paulo Freire, que enfatizam a dimensão ética, política e dialógica do ensino. Embora Freire não seja um autor psicanalítico, sua concepção de educação como prática de liberdade converge com a Psicanálise ao reconhecer o sujeito como ser inacabado, atravessado por contradições e potencialidades. A escuta, o diálogo e o respeito à singularidade do educando são elementos comuns a ambas as abordagens, reforçando a importância de uma prática pedagógica humanizadora.

FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NO BRASIL

A formação inicial de professores no Brasil constitui um campo historicamente marcado por disputas políticas, epistemológicas e pedagógicas, refletindo as transformações sociais, econômicas e educacionais que atravessam o país. Trata-se de um processo complexo que envolve tanto a institucionalização de políticas públicas quanto a construção de identidades profissionais docentes, sendo profundamente influenciado por diferentes concepções de educação, ensino e formação humana (Medeiros; Dias; Olinda, 2020). Logo, compreender a formação inicial docente implica analisar sua trajetória histórica, seus marcos legais e suas configurações contemporâneas, especialmente no âmbito dos cursos de licenciatura.

Historicamente, a formação de professores no Brasil remonta ao início do século XX, com a criação das escolas normais, voltadas à preparação de docentes para o ensino primário. Contudo, foi apenas com a expansão do ensino superior e a institucionalização das licenciaturas que se consolidou um modelo de formação inicial em nível superior, especialmente a partir da segunda metade do século XX. Esse processo foi fortemente influenciado pela promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que estabeleceu a obrigatoriedade da formação superior para o exercício do magistério na educação básica, consolidando a universidade como espaço privilegiado de forma-

ção docente (Medeiros; Dias; Olinda, 2019).

A partir desse marco, a formação inicial de professores passou a ser orientada por diretrizes curriculares nacionais que visam estabelecer parâmetros para a organização dos cursos de licenciatura. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) têm desempenhado papel central na definição dos princípios, fundamentos e estrutura da formação docente, buscando articular conhecimentos específicos, pedagógicos e práticos. Destacam-se, nesse contexto, as resoluções de 2002, 2006, 2015 e, mais recentemente, a Resolução CNE/CP nº 02/2019, que institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) (Hobold, 2021).

A Resolução CNE/CP nº 02/2019 representa um marco importante na reorganização da formação docente no Brasil, ao estabelecer que os currículos das licenciaturas devem estar alinhados à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da educação básica, enfatizando o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais à prática docente. Essa normativa reforça a ideia de uma formação orientada por resultados de aprendizagem, contemplando dimensões cognitivas, sociais e emocionais dos estudantes, e buscando promover uma educação integral (Brasil, 2019).

Entretanto, tal perspectiva não está isenta de críticas. Diversos estudiosos apontam que a padronização curricular e a ênfase em competências podem reduzir a complexidade da formação docente, privilegiando uma abordagem tecnicista em detrimento de uma formação crítica e reflexiva. Nesse sentido, há uma preocupação crescente com a possível marginalização da subjetividade docente e das dimensões éticas e políticas do ensino, elementos fundamentais para a atuação profissional no contexto educacional (Simionato; Hobold, 2021).

Do ponto de vista curricular, os cursos de licenciatura no Brasil têm buscado integrar três eixos fundamentais: formação específica na área de conhecimento, formação pedagógica e prática profissional. A articulação entre esses eixos é considerada essencial para garantir uma formação sólida e contextualizada, que permita ao futuro professor compreender tanto os conteúdos que ensina quanto os processos de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, o estágio supervisionado e a prática como componente curricular assumem papel central, possibilitando a aproximação entre teoria e prática e a

inserção do licenciando no cotidiano escolar (Torres, 2019).

Além disso, iniciativas como programas de iniciação à docência têm contribuído para fortalecer a formação prática dos licenciandos, promovendo experiências formativas em contextos reais de ensino. Torres (2019) argumenta que essas iniciativas visam reduzir o distanciamento entre universidade e escola, favorecendo a construção de saberes docentes situados e contextualizados. No entanto, ainda persistem desafios relacionados à efetiva integração entre essas instâncias, bem como à valorização da prática como espaço de produção de conhecimento.

A influência de organismos internacionais e de políticas educacionais globais na configuração da formação docente no Brasil, de acordo com Simionato e Hobold (2021), é um ponto fulcral nessa discussão. Tais influências têm contribuído para a adoção de modelos de formação baseados em competências, avaliação de desempenho e accountability, alinhando a formação docente a padrões internacionais de qualidade. Contudo, essa tendência também suscita debates acerca da autonomia das instituições formadoras e da adequação desses modelos às especificidades do contexto brasileiro (Hobold, 2021).

No que se refere à identidade profissional docente, Torres (2019) argumenta que a formação inicial desempenha papel fundamental na constituição do professor como sujeito de sua prática. A construção dessa identidade envolve não apenas a aquisição de conhecimentos e habilidades, mas também a internalização de valores, crenças e concepções sobre o ensino e a aprendizagem. Nesse processo, Medeiros, Dias e Olinda (2020) observam que a articulação entre teoria e prática, bem como a reflexão crítica sobre a própria experiência formativa, são elementos essenciais para o desenvolvimento de uma identidade docente autônoma e comprometida com a transformação social.

Apesar dos avanços observados nas últimas décadas, a formação inicial de professores no Brasil ainda enfrenta diversos desafios. Entre eles, Hobold (2021) destaca a fragmentação curricular, a insuficiente articulação entre teoria e prática, a precarização das condições de formação em algumas instituições e a desvalorização da carreira docente. Além disso, a crescente expansão do ensino superior, especialmente por meio da educação a distância, levanta questionamentos sobre a qualidade

da formação oferecida e seus impactos na prática docente.

Nesse cenário, torna-se fundamental repensar os modelos de formação inicial, buscando superar abordagens reducionistas e promover uma formação integral, que considere o professor em sua dimensão técnica, ética, política e subjetiva. Tal perspectiva exige o reconhecimento da docência como prática complexa e situada, que demanda não apenas competências pedagógicas, mas também sensibilidade, escuta e capacidade de reflexão crítica.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE: COMPREEN- SÕES EPISTEMOLÓGICAS

A incorporação da Psicanálise no campo da formação docente exige, antes de tudo, uma reflexão de natureza epistemológica acerca dos modos de produção do conhecimento sobre o sujeito, a aprendizagem e a prática pedagógica. Desde suas origens com Sigmund Freud, a Psicanálise se constituiu como uma ruptura paradigmática com as abordagens positivistas e racionalistas que dominavam as ciências no final do século XIX e início do século XX, ao propor que o sujeito não é plenamente transparente a si mesmo, sendo atravessado por processos inconscientes que escapam à lógica da consciência e da objetividade científica clássica (Tardif, 2014). Essa concepção inaugura uma nova forma de compreender o humano, baseada na escuta, na interpretação e na singularidade, elementos que possuem implicações diretas para o campo educacional.

Do ponto de vista epistemológico, a Psicanálise desloca o foco da produção de conhecimento de uma lógica universalizante para uma abordagem que valoriza a singularidade do sujeito. Isso implica reconhecer que o processo educativo não pode ser reduzido a modelos padronizados ou a técnicas universais de ensino, pois envolve sujeitos marcados por histórias, desejos e conflitos únicos. Nesse sentido, a formação docente que dialoga com a Psicanálise tende a se afastar de perspectivas normativas e prescritivas, aproximando-se de uma postura reflexiva e crítica diante da prática pedagógica. Como argumenta Freud (2010), a relação educativa é atravessada por processos transferenciais

que influenciam tanto o comportamento do aluno quanto a atuação do professor, o que exige deste último uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas psíquicas em jogo.

A noção de transferência, amplamente desenvolvida por Freud e posteriormente aprofundada por Jacques Lacan, constitui um dos pilares epistemológicos para pensar a contribuição da Psicanálise à formação docente. A transferência refere-se à tendência do sujeito de projetar, em figuras de autoridade, afetos e expectativas oriundos de experiências passadas, especialmente da infância. No contexto escolar, o professor frequentemente ocupa esse lugar simbólico, sendo alvo de investimentos afetivos que podem tanto favorecer quanto dificultar o processo de aprendizagem. Compreender essa dinâmica permite ao docente evitar interpretações simplistas do comportamento discente, reconhecendo que muitas manifestações em sala de aula não são meramente cognitivas, mas carregam significados emocionais e inconscientes (Lacan, 2008).

Além disso, a Psicanálise introduz a noção de sujeito do inconsciente, que desafia concepções tradicionais de ensino baseadas na ideia de um aluno racional, autônomo e plenamente consciente de seus processos de aprendizagem. Para a Psicanálise, o sujeito é dividido, atravessado por desejos e conflitos que influenciam sua relação com o saber. Essa perspectiva é particularmente relevante para a formação docente, pois permite compreender fenômenos como a resistência à aprendizagem, o desinteresse e as dificuldades escolares não apenas como falhas cognitivas, mas como expressões de conflitos subjetivos (Freud, 2011; Lacan, 2005).

No campo educacional, Winnicott (1975) contribuiu nesse campo para ampliar essa discussão ao enfatizar a importância do ambiente e das relações afetivas no desenvolvimento do sujeito. Ele introduz conceitos como o de “ambiente suficientemente bom” e “holding”, que podem ser transpostos para o contexto escolar como a necessidade de um espaço acolhedor e seguro, no qual o aluno possa se desenvolver de forma integral. Para a formação docente, isso implica a construção de competências relacionais e emocionais, que vão além do domínio de conteúdos e metodologias de ensino.

No que se refere sobre a concepção de conhecimento, algumas abordagens tradicionais tendem a tratar o conhecimento como um objeto a ser transmitido, de modo que a Psicanálise compre-

ende como algo que se constrói na relação entre sujeito e saber, mediada por desejos e significações. Nesse sentido, o ensino não é um processo linear de transmissão, mas uma experiência complexa, marcada por encontros e desencontros, em que o papel do professor é o de sustentar o desejo de saber no aluno. Essa perspectiva dialoga com autores da educação, como Paulo Freire, que também criticam modelos bancários de ensino e defendem uma educação dialógica e problematizadora (Freire, 1996).

A formação docente, à luz dessas contribuições, passa a ser compreendida como um processo que envolve não apenas a aquisição de conhecimentos técnicos, mas também a elaboração da própria subjetividade do professor. Isso porque o docente não atua de forma neutra, mas mobiliza, em sua prática, suas próprias experiências, desejos e conflitos. A Psicanálise, ao enfatizar a importância da análise pessoal e da reflexão sobre si mesmo, oferece subsídios para que o professor desenvolva uma postura mais consciente e ética em sua atuação. Como destaca Perrenoud (2002), a prática reflexiva é uma competência essencial para o exercício da docência, sendo potencializada quando articulada a uma compreensão mais profunda das dimensões subjetivas envolvidas no ensino.

Segundo Esteves (1999), a relevância da Psicanálise na formação docente, especialmente no que se refere à compreensão de fenômenos como o mal-estar na escola, o sofrimento psíquico de professores e alunos, e os desafios relacionados à inclusão e diversidade. Pesquisas indicam que a ausência de uma formação voltada para a dimensão subjetiva pode contribuir para o adoecimento docente, caracterizado por estresse, burnout e desmotivação (Esteve, 1999; Tardif, 2014). Nesse contexto, a Psicanálise oferece ferramentas para a elaboração desses processos, ao possibilitar a escuta e a simbolização das experiências vividas no cotidiano escolar.

Por outro lado, é importante reconhecer os limites e desafios da inserção da Psicanálise na formação docente. Do ponto de vista epistemológico, trata-se de um campo que valoriza a singularidade e a interpretação, o que pode entrar em tensão com modelos de formação baseados em evidências quantitativas e padronização (Tardif, 2014). Além disso, há o risco de uma apropriação superficial ou equivocada dos conceitos psicanalíticos, que pode levar a práticas reducionistas ou inadequadas. Portanto, é fundamental que essa inserção seja realizada de forma crítica e fundamentada,

respeitando a especificidade da Psicanálise como campo de saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente revisão de literatura permitiu evidenciar que a inserção da Psicanálise na formação inicial de professores da educação básica constitui uma possibilidade teórica e formativa relevante para a ampliação da compreensão do processo educativo em sua complexidade. Ao longo do estudo, verificou-se que a abordagem psicanalítica contribui significativamente para deslocar o foco da formação docente de uma perspectiva exclusivamente técnica e instrumental para uma visão mais ampla, que reconhece a centralidade da subjetividade nas relações de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, as contribuições inauguradas por Sigmund Freud continuam atuais ao evidenciar que o sujeito não é plenamente consciente de seus atos, sendo atravessado por desejos, conflitos e processos inconscientes que influenciam suas ações no contexto escolar.

Um dos principais resultados deste estudo refere-se à importância da compreensão das relações transferenciais no ambiente educativo. Conforme discutido, o professor ocupa um lugar simbólico significativo na vida do aluno, sendo frequentemente alvo de projeções afetivas que interferem diretamente no processo de aprendizagem. A partir das contribuições de Jacques Lacan, foi possível compreender que essas relações são mediadas pela linguagem e pelo inconsciente, o que reforça a necessidade de uma formação docente que inclua a reflexão sobre tais dinâmicas. Ignorar esses aspectos pode levar a interpretações reducionistas do comportamento discente, comprometendo a eficácia das práticas pedagógicas.

No que diz respeito a compreensão do aluno como sujeito do inconsciente, o que implica reconhecer que dificuldades de aprendizagem, desinteresse e comportamentos considerados problemáticos podem estar relacionados a conflitos subjetivos, e não apenas a limitações cognitivas. Essa perspectiva amplia o olhar do professor, permitindo a adoção de práticas mais empáticas e sensíveis às singularidades dos estudantes. Nesse contexto, as contribuições de Donald Winnicott destacam

a importância de um ambiente suficientemente bom, no qual o aluno possa se desenvolver de forma segura e acolhedora, reforçando o papel do professor como facilitador do processo de constituição subjetiva.

Além disso, a análise realizada evidenciou que a formação docente, quando orientada por pressupostos psicanalíticos, favorece o desenvolvimento de uma postura reflexiva e ética por parte do professor. Ao reconhecer suas próprias implicações subjetivas na prática pedagógica, o docente torna-se mais consciente de suas ações e de seus limites, evitando a reprodução de padrões autoritários ou mecanicistas. Essa perspectiva dialoga com a concepção de educação defendida por Paulo Freire, que enfatiza a importância do diálogo, da escuta e da humanização no processo educativo. Assim, a Psicanálise contribui para a construção de uma docência mais crítica, sensível e comprometida com a formação integral do sujeito.

Entretanto, também foram identificados desafios e limites na inserção da Psicanálise na formação inicial de professores. Dentre eles, destaca-se a predominância de currículos que privilegiam abordagens tecnicistas e a escassez de disciplinas que abordem a dimensão subjetiva do processo educativo. Além disso, a complexidade dos conceitos psicanalíticos exige uma formação específica e aprofundada, o que nem sempre é contemplado nos cursos de licenciatura. Há ainda o risco de apropriações superficiais ou distorcidas da Psicanálise, que podem comprometer sua efetividade no campo educacional. Dessa forma, torna-se fundamental que sua inserção ocorra de maneira crítica, articulada e fundamentada em bases teóricas sólidas.

Outro aspecto a ser considerado refere-se à necessidade de articulação entre a Psicanálise e outras abordagens teóricas da educação, de modo a evitar reducionismos e promover uma formação docente interdisciplinar. A complexidade do fenômeno educativo exige múltiplos olhares, e a Psicanálise, embora ofereça contribuições significativas, não deve ser compreendida como uma solução única para os desafios da educação contemporânea. Nesse sentido, sua integração com perspectivas pedagógicas, sociológicas e psicológicas pode enriquecer ainda mais a formação docente, promovendo uma compreensão mais abrangente do processo educativo.

Por fim, conclui-se que a Psicanálise, ao subsidiar ferramentas para a compreensão das dimensões inconscientes e afetivas presentes no contexto escolar, contribui de forma significativa para a formação inicial de professores da educação básica. Sua incorporação nos currículos de licenciatura pode favorecer o desenvolvimento de profissionais mais preparados para lidar com a complexidade das relações educativas, promovendo práticas pedagógicas mais humanizadas, éticas e reflexivas. Contudo, para que isso se concretize, é necessário um investimento institucional na reformulação dos currículos, bem como na formação continuada dos docentes, de modo a garantir uma abordagem consistente e qualificada da Psicanálise no campo educacional.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica. Brasília, 2019.

ESTEVE, José M. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 1999.

FONAGY, Peter; TARGET, Mary. Psicanálise e teoria do apego. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. O interesse da psicanálise para as ciências não psicológicas. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, Sigmund. Análise terminável e interminável. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, Sigmund. O ego e o id. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FULGENCIO, Leopoldo. Aspectos gerais da redescritção winnicottiana dos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana. Psicologia USP, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 99-125, 2010.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Freud e o inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner. Teorias da personalidade. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOBOLD, Márcia Souza. Diretrizes curriculares para a formação inicial de professores: interesses e intencionalidades. Revista Didática Sistêmica, v. 22, n. 2, p. 57-72, 2021.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

KUPFER, Maria Cristina Machado. Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 2007.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. O seminário, livro 20: mais, ainda (1973). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. A infância e a ilusão (psico)pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEDEIROS, Emerson Augusto de; DIAS, Ana Maria Iorio; OLINDA, Ercília Maria Braga de. Formação inicial de professores da educação básica no Brasil: uma leitura histórica e político-legal. *Educação em Perspectiva*, v. 11, 2020.

NASIO, Juan-David. Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. Psicanálise e educação: contribuições contemporâneas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, p. 1–15, 2020.

PERRENOUD, Philippe. A prática reflexiva no ofício de professor. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROUDINESCO, Elisabeth. História da psicanálise na França. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SIMIONATO, Margareth Fadanelli; HOBOLD, Márcia de Souza. Diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial de professores: padronizar para controlar? *Práxis Educacional*, v. 17, n. 46, 2021.

SOLMS, Mark. O cérebro e o mundo interno. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2014.

TORRES, Mônica Moreira de Oliveira. Formação de professores: abordagem histórica e políticas curriculares. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 8, n. 1, 2019.

VOLTOLINI, Rinaldo. Educação e psicanálise: uma introdução. São Paulo: Cortez, 2011.

WINNICOTT, Donald W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald W. Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

ZIMERMAN, David E. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica. Porto Alegre: Artmed, 2004.